

ARTIGO-RESENHA

George Camargo dos Santos*

DUSILEK, Darci. **O que Deus sabe sobre o meu futuro?** A doutrina da predestinação e eleição à luz da Bíblia, da Teologia e da Cosmologia. Rio de Janeiro: GW Editora, 2006. 160 p.

Era quinta-feira, dia 16 de março de 2006, noite de lançamento da obra “**O que Deus sabe sobre o meu futuro?**” na capela do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB), no Rio de Janeiro. Enquanto o pastor batista Darci Dusilek, autor da obra, ministrava uma palestra sobre as implicações da física moderna na interpretação da doutrina bíblica da predestinação e da eleição, na capela do STBSB, uma declaração bíblica escrita no frontispício desta capela mostrava a motivação dos pastores e seminaristas daquela denominação: κήρυξον τὸν λόγον (*kērykson τὸν λόγον* – prega a palavra). Esta declaração aponta para o brado da tradição reformada do *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), ou seja, a *Bíblia é a fonte de revelação cristã suficiente e infalível*.

Darci Dusilek (n. 1943) é bacharel em teologia, filosofia e letras e possui curso de especialização em documentação científica e mestrado em ciência da informação. É diretor da Escola de Teologia da Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy” (UNIGRANRIO) e professor de teologia sistemática do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB) e do Seminário Batista de Duque de Caxias, ambos no Estado do Rio de Janeiro. Entre suas obras publicadas destacam-se: *A arte da investigação criadora: uma introdução à metodologia científica* (JUERP), *Igreja em Peregrinação* (Editora Horizontal), *Marcas da Igreja* (Editora Horizontal), *Oásis no Deserto* (Editora Horizontal), *Amargura ou amar cura?* (Editora Horizontal) e *Predestinação e Eleição* (Editora Horizontal). Nessas publicações anteriores, em nenhuma delas, nem mesmo na última mencionada, o autor estabeleceu como finalidade apresentar a interação entre a física moderna e a doutrina da predestinação com base na onisciência divina.

Esta nova obra contém uma rápida apresentação (pp. 11-13) sucedida de catorze breves capítulos, sendo o décimo quarto capítulo reservado para uma análise dos fatos da física moderna em relação à doutrina da predestinação. O prefácio foi redigido pelo pastor batista Israel Belo de Azevedo, que é o diretor geral do STBSB. No prefácio, o diretor afirma as suas impressões sobre a referida obra: “(...) é um livro profundo, mas

* George Camargo dos Santos é mestrando pelo Programa de Engenharia Elétrica da Coordenação dos Programas de Pós-graduação de Engenharia (PEE – COPPE / UFRJ), engenheiro eletricitista pela UFRJ (B. Sc.). É casado com Renata N. R. dos Santos e ambos são membros da Igreja Presbiteriana de Piedade, no Rio de Janeiro - RJ.

simples, muito didático até. Nele, Darci Dusilek imagina as perguntas do leitor e as responde, com coerência, clareza e concisão. E o que se deve mais esperar de um livro?” (p. 16). Esta obra será analisada a partir dos pontos levantados no prefácio, a saber: a *didática* (i.e. técnica de ensinar e de orientar a aprendizagem), a *coerência* (i.e. harmonia de idéias), a *clareza* (i.e. se a obra é inteligível) e a *concisão* (i.e. exposição das idéias em poucas palavras).

No primeiro capítulo, denominado “*Onde podemos nos basear?*”, o autor, sem muitas explicações, declara que as palavras “predestinação” e “eleição” no Novo Testamento são palavras perfeitamente normais e de excelente significado (p. 17). Talvez possamos indagar o que seria uma “palavra normal”? Há palavras *anormais* na Bíblia? O autor pretendia dizer que tais palavras são freqüentes na Bíblia? Porém, sem maiores explicações sobre a “normalidade” das palavras, o autor continua: “*No entanto, à sua simples menção, não podemos ter certeza sobre (sic.) o que as pessoas têm em suas mentes significa a mesma coisa que o Novo Testamento quer dizer quando utiliza essas palavras*” (p. 17). O autor prossegue a sua exposição com uma caricatura da doutrina da predestinação e da eleição.

Muitos, talvez a maioria, vêem essas palavras formando a imagem mental de um tirano arbitrário e todo poderoso, assentado no seu trono celestial, observando os seres humanos a caminhar de forma ordenada, tipo 'fila indiana', diante de seus olhos. De repente, ele exclama: '- Número seis! Você foi escolhido para ser condenado!' Mais alguns momentos e, outra exclamação: '-Número sete! Você foi escolhido para ir para o Céu! Por quê? Simplesmente porque, nesse caso hipotético, Deus teria determinado que todos os números seis deveriam ir para o Inferno e todos os números sete deveriam ir para o Céu (...) Mas a tradição teológica desenvolvida pelos sistemas doutrinários dos seres humanos programou de tal forma essa descrição, que ela se encontra gravada de modo indelével em muitas mentes (p. 17-18).

Percebe-se, no decorrer do livro, que a intenção de Dusilek não é apenas desfazer essa caricatura, mas sim afirmar que o “*livre-arbítrio*”, segundo a visão pelagiana¹ é a solução para redimir a teologia cristã (i.e. teologia reformada) das caricaturas elaboradas na história do cristianismo. Para isto, o autor acusará a tradição teológica [não diz qual] de desenvolver essa distorção na doutrina da predestinação e tentará

¹ Ainda que o autor se identifique com a *escola de Arminio* (p. 21), sua defesa do livre-arbítrio é basicamente um eco da heresia pelagiana. Nota-se o afastamento do autor da doutrina ortodoxa da queda e do pecado, consultando, por exemplo, o que Arminio escreveu: “*A respeito da graça e do livre arbítrio, ensino conforme as Escrituras e o consentimento ortodoxo: o livre arbítrio não tem a capacidade de fazer ou aperfeiçoar qualquer bem espiritual genuíno sem a graça. Para que não se diga que eu, assim como Pelágio, cometo uma falácia em relação à palavra “graça”, esclareço que com ela me refiro à graça de Cristo que pertence à regeneração: afirmo, portanto, que a graça é simples e absolutamente necessária para a iluminação da mente, para o devido controle das emoções e para a inclinação da vontade ao que é bom. É a graça que [...] força a vontade a colocar em prática boas idéias e os bons desejos. Essa graça [...] antecede, acompanha e segue; ela nos desperta, assiste, opera para que queiramos o bem, coopera para que não o queiramos em vão. Ela afasta as tentações, ajuda e oferece socorro em meio às tentações, sustenta o homem contra a carne, o mundo e Satanás, e nessa grande luta concede ao homem a satisfação da vitória. [...] A graça é o princípio da salvação; é o que a promove, aperfeiçoa e consoma. Confesso que a mente [...] do homem natural e carnal é obscura e escura, que suas afeições são corruptas e imoderadas, que sua vontade é obstinada e desobediente e que o próprio homem está morto em pecados*”. *A letter addressed to Hippolytus A. Collibus. In: Works of James Arminius, 2.701 apud: OLSON, Roger E. História da teologia cristã. São Paulo: Vida, 2001, p. 481.*

desconstruir essa distorção através da Teoria da Relatividade de Einstein (p. 18). Percebe-se, portanto, que o autor se propõe a uma tarefa bastante árdua, pois nem a expressão *livre arbítrio* nem o seu significado, segundo a visão pelagiana, são apresentados nas Escrituras Sagradas! É oportuno lembrar que havia e ainda há teólogos batistas *reformados*, como, por exemplo, Roger Williams (1603-1684), John Bunyan (1628-1688), John Gill (1697-1771), William Carey (1761-1834), Adoniram Judson (1788-1850), John L. Dagg (1794-1884), John A. Broadus (1827-1895), Charles H. Spurgeon (1834-1892), Arthur W. Pink (1886-1952), Ernest Reisinger (1919 - 2004), Robert B. Selph e tantos outros. Os teólogos batistas supracitados são unânimes em declarar em suas publicações² que o popularizado ensino do livre-arbítrio não é bíblico. Já Alan Myatt, professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), não somente endossa o pensamento dos teólogos batistas mencionados como também peremptoriamente afirma que: “(...) a teoria do livre arbítrio segundo o arminianismo é basicamente igual à teoria do livre arbítrio que se encontra nas seitas”.³ Todavia, o autor promete uma análise bíblica da doutrina da predestinação à luz do AT e do NT (p. 18) e um pano de fundo histórico (p. 18) a fim de fundamentar a existência do “livre arbítrio” humano no plano salvífico. De início, desejo salientar três aspectos no primeiro capítulo do livro (a meu ver, em toda obra há vários problemas sérios!), tendo em vista que o autor deseja fundamentar bíblicamente a tese da autonomia humana.

1. “(...) é sempre Deus quem toma a iniciativa de procurar o ser humano a fim de salvá-lo. É importante frisarmos essa declaração para que o ser humano assuma conscientemente o seu lugar de criatura (...)” (p. 20) [meu grifo]. O autor concorda que é Deus quem toma a iniciativa, mas sustenta que o homem tem livre arbítrio para se salvar!
2. “(...) temos consciência de que muitos adeptos desse ponto de vista teológico [hiper-calvinistas] marcado por uma postura radical demonstram um ardente fervor pela evangelização e por missões” (p. 22) [meu grifo]. O autor evitou mencionar sequer um nome de hiper-calvinista que tenha demonstrado ardente fervor pela evangelização e por missões.
3. “(...) as interpretações são modos de expressarmos a nossa cosmovisão (...) e a nossa cosmovisão determina ou, pelo menos, influencia, o modo particular de falarmos sobre qualquer assunto, inclusive, assunto doutrinário” (p. 23). A nota 9 faz o seguinte comentário sobre esta afirmação: “Sem sombra de dúvida, nos dias atuais, toda e qualquer cosmovisão será deficiente se não incluir o ponto de vista da ciência, principalmente da Cosmologia (...)” (p. 150). Vale lembrar que na cosmovisão cristã a Bíblia é a única regra suficiente, certa e infalível de conhecimento para a salvação, de fé e de obediência.⁴ Sendo assim, a declaração supracitada não esvaziaria a autoridade da revelação bíblica? Fica difícil entender a relação disto com o texto cujo título é: “O testemunho da revelação” (p. 23).

² Veja algumas publicações em português destes teólogos batistas sobre a doutrina da predestinação e da eleição segundo a visão reformada: SPURGEON, C. H. *Eleição*. São José dos Campos: FIEL, 1996; SPURGEON, C. H. *Livre-arbítrio: um escravo*. São Paulo: PES, sd.; PINK, A. W. *Deus é soberano*. São José dos Campos: FIEL, 1997; SELPH, Robert B. *Os batistas e a doutrina da eleição*. São José dos Campos: FIEL, 1995.

³ MYATT, Alan. *A apologética reformada, as seitas e o livre arbítrio*. *Fides Reformata* VIII-2, 2003, p. 27.

⁴ Cf. *Confissão de Fé Batista de 1689: Fé para Hoje*. São José dos Campos: FIEL, 1991, p. 7.

A exposição bíblica é apresentada nos capítulos dois e três desta obra, que são: *Predestinação e eleição no Antigo Testamento* (cap. 2) e *Predestinação e eleição no Novo Testamento* (cap. 3). De acordo com o autor, “*O estabelecimento dos fundamentos bíblicos da doutrina necessita de um lastreamento hermenêutico a fim de se evitar um desenvolvimento personalista de seu conteúdo*” (p. 11) e alhures continua “(...) *voltaremos a este assunto a fim de aprofundá-lo* (p. 20)”. O autor reserva cinco e nove páginas para o aprofundamento bíblico da doutrina da predestinação e da eleição no AT e no NT, respectivamente. Porém, o leitor atento é frustrado pela ausência do *lastreamento hermenêutico*, quiçá uma análise exegética dos textos bíblicos! Fica a impressão de que Dusilek não está realmente preocupado em buscar a intenção do autor bíblico como chave para compreensão do texto bíblico. Dusilek *abandona a intenção autoral e o processo formativo do texto e focaliza na interação do leitor com o texto*, que é uma característica das novas hermenêuticas oriundas da pós-modernidade.⁵ A obra de Kevin Vanhoozer, recomendada pelo autor para tratar do problema da linguagem do texto (p. 150), denomina este tipo de abordagem hermenêutica como “*a era do leitor*”. Tentando destacar a origem, mapear a questão e revelar a gravidade do problema de abordagens como esta elaborada pelo pastor Darci Dusilek, Kevin Vanhoozer explica:

Nas décadas de 1970 e 1980, muitos críticos rejeitaram o positivismo textual (no qual o texto é objeto de estudo científico) e, em vez disso, começaram a examinar o papel do leitor. De fato, alguns até falavam no Movimento de Libertação do Leitor, na Revolta do Leitor, e na Vingança do Leitor. Essa perspectiva do significado como uma função da resposta do leitor (*reader response*) foi uma reação à idéia estruturalista de que o texto era um objeto independente tanto do autor quanto do leitor. A crítica orientada para a resposta do leitor enfatiza a incompletude do texto até que ele seja construído (ou desconstruído) pelo leitor. (...) o texto é apenas uma oportunidade para o leitor ir ao encontro de seus próprios interesses. Dessa perspectiva, o texto é inativo, e o leitor é o produtor de sentido⁶ [meu grifo].

Uma vez que Dusilek preteriu a parte mais importante do seu livro, a saber, a exegese dos textos bíblicos, agora, infelizmente, toda construção do livro estará fadada a um *desenvolvimento personalista* que gerará argumentos falaciosos, perda de coerência, de concisão e de clareza, pontos relevantes na avaliação de uma obra literária, de acordo com os comentários no prefácio do livro (p. 16).

No final do capítulo três, percebe-se outra falácia a respeito do léxico προορίζω (*proorizō*). Sem uma análise etimológica do vernáculo mencionado, o autor, que defende a predestinação com base na onisciência (i.e. Deus sabia quem iria se converter!), conclui, num tom nada despretensioso: “*Aquele que pensa que o destino de cada homem já está fixo e determinado de antemão se mostra estranhamente insensível ao clamor do coração e ao ritmo do pulso do Novo Testamento*” (p. 38). Dusilek

⁵ Cf. LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. Recomenda-se a leitura de KAISER Jr, Walter C., SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica: Como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época*. Trad. Paulo César Nunes dos Santos, Tarcizio José Freitas de Carvalho e Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

⁶ VANHOOPER, Kevin. *Há um significado neste texto?* Interpretação Bíblica: os enfoques contemporâneos. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Vida, 2005, p.36.

desconsiderou aqui a etimologia do léxico προορίζω. No dicionário de grego de Carlo Rusconi, é destacado que προορίζω é formado da preposição πρό (*pró*) e o vernáculo ὁρίζω (*horízō*) e significa decidir, estabelecer previamente, preestabelecer ou predeterminar.⁷ Contudo, *horízō* é derivado do vernáculo ὅρος (*hóros* [limite])⁸ ou ὁράω (*horáō* [ver])?⁹ De acordo com a professora de grego Simone Bondarczuk,¹⁰ analisando o léxico *horízō* verifica-se que este vem de *hóros* e não de *horáō*! Esta afirmação pode ser confirmada no dicionário de grego de Carlo Rusconi, onde está escrito:

ὁρίζω: vb.: jôn.: οὐρίζω: den.: ὅρος (= limite): jôn.: οὐρος: *ὄρος; cf. lat. *urvus* (= perímetro de uma cidade), *arburvare*; cf. oscense: *uruvu* (= fronteira) Ø aor. at.: ὤρισα, aor. pas.: ὠρίσθην; perf. pas.: ὤρισμαι ↔ delimitar, determinar, estabelecer: **a.** τι: At. 17,26; **b.** τινί: por atração do rel.: At 17,31; **c.** + inf.: At 11,29; **d.** pas.: At 2,23; **e.** τὸ ὠρισμένον: o (que foi) estabelecido: Lc 22,22 [GGNT §392[2^a] [GSR VD 225]¹¹

O autor passa a emitir randomicamente declarações infundadas com a finalidade de impor a sua opinião. Por exemplo, “(...) *uma análise serena dessa doutrina leva em conta a decisão do ser humano no ato de aceitar ou rejeitar a graça de Deus, decisão esta lastreada no livre-arbítrio do indivíduo*” (p. 26). E ele continua: “*Mas Deus mesmo é quem limita a Sua própria liberdade, preservando assim a Sua soberania. Deus foi livre para fazer o ser humano como um ser dotado de liberdade para aceitar ou rejeitar a salvação*” (p. 38). Ainda há espaço neste opúsculo para propor um “novo modelo” para compreender os mistérios divinos: “(...) *Cremos que para compreendermos os mistérios de Deus abrangidos na doutrina precisamos desenvolver um novo modelo (...)*” (p. 51). Ele também minimiza a soberania de Deus para solucionar o paradoxo entre a soberania divina e a responsabilidade do homem: “(...) *Somos forçados a crer na soberania de Deus como uma necessidade última do pensamento*” [meu grifo] (p. 52). Uma outra invenção bastante criativa é a aparição do “Evangelho adaptado”. De acordo com Darci Dusilek, há uma explicação compreensível para entender a escolha de Deus: “(...) *porque Deus achou bom oferecer um Evangelho adaptado para influir em uma classe de pessoas e não adaptado para influir em outra classe*” (p. 55). O leitor poderia esperar que o autor oferecesse alguma fundamentação bíblica, que, todavia, não é oferecida. Dusilek fundamenta as suas declarações e a sua fé nos escritos de Dale Moody (pp. 32, 38-39). O problema é: Dale Moody (1915 – 1992) acreditava nas verdades essenciais da fé cristã? Moody cria na doutrina da revelação, da pessoa de Cristo e da justificação pela fé? Qual o ensino de Moody sobre a apostasia? Ele se harmoniza com a confessionalidade batista sobre a perseverança dos santos? De acordo

⁷ RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 391. Cf. no léxico de grego clássico: LIDDELL, H. G and SCOTT. *An intermediate greek-english lexicon*. 5st ed. Oxford: Oxford University Press, 1972 e no léxico de grego do NT: BAUER, Walter. *A greek-english lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

⁸ De acordo com Gingrich e Danker o léxico ὅρος significa *limite* e este vernáculo pode ser encontrado no final de Marcos no manuscrito Freer 7 (cf. GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do N.T Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 148).

⁹ Aqui destaca-se um dos significados do verbo ὁράω que é ver, notar, perceber – Mt. 24. 30; Mc 14.62; Lc 1.22. (cf. GINGRICH e DANKER. **op. cit.**, p. 148).

¹⁰ Cf. Notas de aula sobre *preposição* e *verbos compostos* da professora de grego da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro (STPRJ) Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk.

¹¹ RUSCONI, Carlo. **op. cit.**, p. 337.

com o teólogo batista Franklin Ferreira, professor do STBSB, Dale Moody foi demitido do Seminário Teológico Batista do Sul (EUA) por fazer concessões ao liberalismo teológico em várias áreas importantes da doutrina cristã.¹²

É estranho notar nomes de batistas reformados e de presbiterianos, como Millard Erickson, Wayne Grudem, Louis Berkhof e Loraine Boettner, aparecerem numa obra onde se propõe a defesa da autonomia humana na Bíblia. Por outro lado, há espaço nesta pequena obra para ridicularizar Martinho Lutero e João Calvino. Numa atitude pouco elegante, o autor chama Lutero de macaco – "*Parece-me que àquele momento Lutero era realmente o macaco*" (pp. 72-73). Sem mencionar as fontes primárias do reformador João Calvino, Darcy Dusilek faz duas declarações ousadas sobre ele! Na primeira declaração, o autor afirma que: “ (...) *a doutrina da predestinação e da eleição ocupa um lugar central nas Institutas de João Calvino*” (p. 21). Já na segunda declaração, João Calvino é acusado de empregar o modelo político dos reis e de autoridades, e não as Escrituras, para definir o conceito de soberania divina nas Institutas (p. 51). Num momento muitíssimo infeliz, Dusilek incide em dois equívocos ao mesmo tempo quando recorre à obra do teólogo Alister E. McGrath – o leitor deve atentar para o fato de que foi empregada uma referência bibliográfica de um autor reformado para objetar as idéias de João Calvino.¹³ Os dois equívocos relacionam-se com as duas declarações ousadas supracitadas que não condizem com o pensamento de McGrath na obra recomendada. Pasmem! Alister McGrath afirma justamente o contrário! Veja um trecho do livro recomendado por Dusilek.

Embora, com freqüência, insinue-se que a predestinação ocupe lugar central no sistema desenvolvido por João Calvino, isso não corresponde à verdade; o único princípio que parece nortear a forma como ele organizou seu sistema teológico é, por um lado, a preocupação de ser fiel às Escrituras e, por outro lado, a obtenção de máxima clareza possível na apresentação dos temas.¹⁴

Os leitores que não concordam com as ilações do autor também são ridicularizados e chamados de “*obstinados*” (p. 72), de “*cientista amador*” (p. 130), de “*cético*” (p. 136) e outras alcunhas. Já os leitores que concordam, são denominados de “*cristãos normais*” (p. 136) e “*pobres mortais*” (p. 136). Seria cristã esta estratégia de satirizar e de expor à ignomínia qualquer irmão em Cristo? Quando se examina os atuais princípios de fé da Convenção Batista Brasileira (CBB) percebe-se que eles não apóiam esta metodologia elaborada por Dusilek - “(...) *Cada indivíduo foi criado à imagem de Deus, e por tanto, merece respeito e consideração como uma pessoa de valor e dignidade infinita*”.¹⁵ A meu ver, os ministros do evangelho deveriam dar testemunho

¹² A resenha do teólogo e pastor batista Franklin Ferreira publicada na *Fides Reformata* X/2 de 2005 deve ser consultada: FALCÃO SOBRINHO, João. *A predestinação conforme a Bíblia*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2001. 32 p.

¹³ Para saber sobre as impressões de Alister McGrath acerca de João Calvino deve-se consultar a obra: McGRATH, Alister E. *A vida de João Calvino*. Trad. Marisa Lopes. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 368 pp. Sobre esta obra o *Sixteenth Century Journal* publicou o seguinte comentário "*Desde a obra de Calvin, de Wendel, não houve um livro que dedicasse tanto fôlego e profundidade à vida e ao pensamento de Calvino como esse (...) Uma esplêndida ferramenta tanto para novatos como para leitores experientes. A obra de McGrath permanecerá como uma abordagem histórico-teológica equilibrada e sensível*".

¹⁴ McGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 103.

¹⁵ *Os princípios de fé da Convenção Batista Brasileira*. Artigo II - *O Indivíduo*, Seção 1 – *Seu Valor*. Extraído do sítio: <http://www.batistas.org.br/miolo.php?canal=141&sub=631&c=&d=1> Acesso: 03 de abril de 2006. Para saber sobre a declaração de fé vigente da CBB é recomendada a leitura dos dois

de vida cristã, ser expositores fiéis da Palavra de Deus (i.e. pregação e ensino), administrar os sacramentos e cuidar do rebanho de Cristo que lhes foi confiado. Nas palavras de R. C. Sproul: “*Você precisa crer, pregar e ensinar o que a Bíblia diz que é verdade, e não o que você quer que a Bíblia diga que é verdade*”.¹⁶

Até agora foi visto que o autor não fez a exegese devida dos textos bíblicos, não conseguiu um encadeamento lógico para suas idéias (muitas vezes caindo em contradições!), levantou um argumento falacioso quando recorreu ao léxico grego *proorizō*, omitiu as fontes primárias, elaborou caricaturas sobre a doutrina da predestinação, reduziu a soberania divina, esvaziou a autoridade da revelação bíblica, ridicularizou irmãos em Cristo, entre outros problemas sérios. Visto este cipoal de coisas deletérias, passa-se a examinar os argumentos científicos de Darci Dusilek e avaliar a sua proposta de revisão das posições e dos conceitos teológicos já assumidos com a finalidade de privilegiar o testemunho das Sagradas Escrituras (p. 23).

No último capítulo, sob o título: “*O que Albert Einstein tem a ver com a predestinação?*”, o autor tentará apresentar uma visão da física moderna (i.e. física quântica e física relativista) como forma de interpretar alguns versículos bíblicos, como por exemplo, Efésios 1.4, 1João 1.5 e Apocalipse 13.8. Todavia, vale ressaltar que, uma vez que os apóstolos Paulo e João não se deparavam diante dos desafios impostos pela física quântica e pela física relativista, logo, com certeza absoluta, a intenção dos autores bíblicos era outra!

Na visão pelagiana, há uma autonomia humana e Deus é limitado, por respeitar o livre-arbítrio do homem. Acontece então que nesta visão há decisões que o homem pode tomar que não faz parte das ações estabelecidas por Deus. Neste contexto R. K. McGregor Wright pergunta: “*Como pode uma vontade puramente espontânea ('automovida') começar uma ação? Se a vontade é 'neutra' e não predeterminada para agir de um modo ou de outro, o que faz com que ela aja?*”¹⁷. Já o filósofo e físico Michael Polanyi afirma: “*O juízo humano pode ser qualquer coisa menos uma escolha aleatória e estritamente inexplicável*”¹⁸. Mesmo assim, para ratificar a idéia pelagiana do livre-arbítrio, Dusilek menciona, sem muita explicação, o conceito de *indeterminação quântica*.

(...) a Física Quântica, ou a Física das Partículas Elementares, no campo da ciência, a afirmativa de que todo acontecimento tem uma causa é inviável. É que no mundo subatômico, o comportamento das partículas é, em geral, imprevisível. De instante a instante, ninguém pode estar seguro do que a partícula irá fazer. Por exemplo, se para um acontecimento, aguardássemos a

artigos do teólogo e pastor batista Gilson Santos: (1) SANTOS, Gilson. *A declaração de fé de New Hampshire nos primórdios batistas no Brasil*. Extraído do sítio da Comunhão Reformada Batista no Brasil (CRBB) –

<http://www.crbb.org.br/gilson5.pdf> . Acesso: 18 de abril de 2006. (2) SANTOS, Gilson. *A Convenção Batista Brasileira e a declaração de fé de New Hampshire* (3). Extraído do sítio da Comunhão Reformada Batista no Brasil (CRBB) - <http://www.crbb.org.br/gilson7.pdf> . Acesso: 18 de abril de 2006.

¹⁶ SPROUL, R. C. *Eleitos de Deus: o retrato de um Deus amoroso que providencia salvação para seres humanos caídos*. 2ª ed. Trad. Gilberto Carvalho Cury. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

¹⁷ Recomenda-se a leitura da obra de WRIGHT, R. K. McGregor. *A Soberania Banida*. Trad. Héber Carlos Campos. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

¹⁸ POLANYI, Michael. *Personal Knowledge*. Chicago: University of Chicago Press, 1962, p. 390.

chegada de uma partícula subatômica a um certo lugar, de acordo com a Teoria Quântica, tal acontecimento não teria causa, no sentido de que é inerentemente imprevisível. O resultado é intrinsecamente aleatório, pois não há como determinarmos que a partícula surja ou chegue a determinado ponto (pp. 128-129).

Primeiramente, vale lembrar que o autor está escrevendo este livro para estudantes de teologia, seminaristas e pastores, cuja esfera de ação é eminentemente a *teológica*. Este público, provavelmente, desconhece alguns conceitos da física moderna e pode ser induzido a crer na declaração supracitada. Não é correto omitir algumas informações e/ou adulterar os dados de uma pesquisa, como um *leito de Procusto*, para validar as afirmações da proposta do livro. Darci Dusilek não expõe a idéia de indeterminação quântica nem as diferentes interpretações da mecânica quântica, a saber:

1. *A incerteza como ignorância humana*. As incertezas da teoria quântica são devidas a nossa ignorância atual (Albert Einstein e Max Planck). Esta linha de pensamento é chamada de *incompletude*. Acredita-se que os mecanismos subatômicos são causais e determinísticos. Destaca-se, nesta linha, a *teoria da onda piloto* (Louis de Broglie - 1920), o *argumento EPR* (Einstein, Podolsky e Rosen - 1935), o *gato de Schrödinger* (Erwin Schrödinger - 1935) e a *Teoria de Variáveis Ocultas* (David Bohm - 1952).
2. *A incerteza como limitação experimental ou conceitual*. A dificuldade é de natureza experimental e a incerteza é introduzida pelo *processo de observação* (Niels Bohr). Entende-se que há *limitações conceituais insuperáveis* devido à escolha das situações experimentais das descrições *causais* ou descrições *espaço-temporais* (e.g. a luz: onda ou partícula, posição ou velocidade exata), ou seja, não é possível ter as duas descrições ao mesmo tempo. Pode-se mencionar o *princípio de complementaridade* (Niels Bohr – 1928) e a *interpretação de Copenhague* (Niels Bohr – 1927).
3. *A incerteza como indeterminação na natureza*. As incertezas da teoria quântica são características objetivas da natureza e não uma limitação do conhecimento humano, ou seja, o mundo é caracterizado por uma *gama de possibilidades*, logo ele é indeterminado (Werner Heisenberg). Neste sentido, o futuro não é simplesmente desconhecido; ele "não foi decidido"! Este ponto de vista foi enfatizado no *Princípio da Incerteza de Heisenberg* (Werner Heisenberg - 1927).

O físico alemão Albert Einstein (1879-1955), adepto da *incompletude*, discordaria da posição de Dusilek, apesar do autor se basear neste físico para escrever seu livro. Numa rápida análise das referências bibliográficas do livro de Darci Dusilek, que também é professor de metodologia da pesquisa científica, nota-se que não há citações das fontes primárias de Einstein.¹⁹ Apesar disso, o físico e teólogo chinês Ian Graeme Barbour (n. 1923), o qual é a terceira referência bibliográfica da obra de Darci Dusilek,

¹⁹ Seguem algumas fontes primárias do físico alemão que foram traduzidas para o português: (1) EINSTEIN, Albert. *A teoria da relatividade especial e geral*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. 132 pp. (2) EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 213 pp. (3) EINSTEIN, Albert. *Escritos da maturidade: ciência, religião, racismo, educação e relações sociais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 303 pp. (4) EINSTEIN, Albert. *Notas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 88 pp. (5) EINSTEIN, Albert. *O significado da relatividade com a teoria relativista do campo não simétrico*. Lisboa: Gradiva, 2003. 170 pp.

não omite o *determinismo* de Einstein. Ian Barbour afirma assim sobre a interpretação de Albert Einstein e do considerado “pai da física quântica”, o físico alemão Max Karl Ludwig Planck (1858 - 1947).

Einstein e Max Planck sustentam que as incertezas da teoria quântica são devidas à nossa ignorância atual. Acreditam que os mecanismos subatômicos detalhados são rigidamente causais e determinísticos; um dia, as leis desses mecanismos serão descobertas e a previsão exata será possível (...) Einstein manifestava uma fé pessoal na ordem e previsibilidade do Universo, as quais ele pensava que qualquer elemento de acaso comprometeria. 'Deus não joga dados', dizia²⁰ [meu grifo].

Para destacar a complexidade do assunto, que Dusilek introduz muito rapidamente e de forma simplista, apresenta-se uma discussão em Leipzig entre o físico Carl Friedrich Von Weizsäcker, amigo de Heisenberg, e a filósofa Grete Hermann da escola de Fries. A filósofa acreditava que poderia provar que a lei causal segundo os pressupostos do filósofo Immanuel Kant era inabalável. Grete Hermann destaca três considerações sobre a *indeterminação quântica*: (1) o fato de não se haver descoberto uma causa para um certo efeito não significa que essa causa não exista; (2) a ciência é objetiva porque fala de objetos e não de percepções e (3) a incerteza é sinônimo de ignorância e, como tal, é algo puramente subjetivo²¹.

Infelizmente, o autor menciona a obra do físico Marcelo Gleiser afirmando: “(...) Neste texto Gleiser, com didatismo e profundidade, apresenta, ao lado da visão religiosa e mítica, a visão dos cientistas e físicos contemporâneos sobre a Criação, comparando-a com a visão que nos é dada através de linguagem do misticismo e religião” (cf. nota 48 da p. 154). Não sei se o Prof. Dusilek leu atentamente o livro “*A dança do Universo*” de Marcelo Gleiser, porque, nesta obra, o físico desconstrói toda a fé cristã, considerando o texto de Gênesis 1 um mito de Criação. Além do mais, Gleiser não apóia o método *reader response* adotado por Darci Dusilek para interpretação do texto sagrado via ciência: “*Teólogos não devem tentar interpretar textos sagrados cientificamente, porque estes não foram escritos com esse objetivo*”.²² Ademais, vale frisar que a obra “*A dança do Universo*” é uma publicação cheia de equívocos científicos.²³

²⁰ BARBOUR, Ian G. *Quando a Ciência encontra a Religião: Inimigas, Estranhas ou Parceiras?* Trad. Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004, pp. 90-91.

²¹ O debate na íntegra aparece na obra de HEISENBERG, Werner. *A parte e o todo: encontros e conversa sobre física, filosofia, religião e política*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, pp. 139-147.

²² GLEISER, Marcelo. *A Dança do Universo: dos mitos de Criação ao Big-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 40.

²³ MARTINS, Roberto de Andrade. *Como distorcer a física: considerações sobre um exemplo de divulgação científica*. 1 – Física Clássica. Caderno Catarinense de Ensino de Física 15 (3), 1998, pp. 243-264. e MARTINS, Roberto de Andrade. *Como distorcer a física: considerações sobre um exemplo de divulgação científica*. 2 – Física Moderna. Caderno Catarinense de Ensino de Física 15 (3), 1998, pp. 265-300. As duas resenhas do professor de física da UNICAMP Roberto de Andrade Martins devem ser consultadas para uma análise profunda do livro: GLEISER, Marcelo. *A Dança do Universo: dos mitos de Criação ao Big-Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Estas resenhas foram extraídas dos sítios <http://ghc.ifc.unicamp.br/pdf/ram-66.pdf> e <http://ghc.ifc.unicamp.br/pdf/ram-67.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2006.

Como já observado, o autor também não leva em consideração a intenção autoral na interpretação das fontes primárias de Albert Einstein (supõe-se aqui que o autor leu algumas obras de Einstein, apesar de não citá-las!). É difícil aceitar que o formulador da Teoria da Relatividade aceitasse a idéia do livre-arbítrio, uma vez que o mesmo seguia o *determinismo*²⁴ do filósofo Baruch Spinoza (1632 - 1677). Albert Einstein até dedica um poema²⁵ a Spinoza! O físico Max Jammer, colega de Einstein em Princeton (EUA), afirma que: “*Einstein negou o livre-arbítrio, em seu Credo, em virtude da incompatibilidade dele com o determinismo*”.²⁶ Cornelius Willem Rietdijk afirma que a *relatividade da simultaneidade* implica o *determinismo estrito* e com isso a negação do livre-arbítrio.²⁷ Hermann Weyl, Ernst Cassiner e James Hopwood Jeans expressaram a idéia de que a Teoria da Relatividade implica um *determinismo rigoroso* com o conceito de *universo em bloco* e, juntamente com o ensino de Parmênides (i.e. não existe o “*devir*”, mas o “*ser*”), o livre-arbítrio, na melhor das hipóteses, é uma ilusão.²⁸ Mas, em 1926, é através da carta de Einstein a Max Born que observamos o seu pensamento:

A mecânica quântica é muito importante; mas uma voz interior me diz que não é o verdadeiro Jacó. A teoria fornece muita coisa, porém mal chega a nos aproximar mais dos segredos do Velho. Seja como for, estou convencido de que Ele não joga dados.²⁹

Depois de omitir o pensamento de Einstein a respeito da mecânica quântica, de maneira abrupta, Dusilek ajusta a existência do livre-arbítrio do homem proposta por Pelágio à física moderna (p. 134-139). Percebe-se que Darci Dusilek se apóia no teólogo judeu Gerald Schroeder, para chegar a seguinte conclusão.

Segundo Schroeder são justamente a Física e a Biologia que nos permitem ter o direito de falar da existência do livre-arbítrio. Estabelecem uma base para sua defesa. De forma irônica, é a Teologia que parece apresentar as maiores barreiras. (p. 135) [meu grifo].

Na visão do autor, a Física e a Biologia detêm a permissão para tratar do assunto concernente à existência do livre-arbítrio e, até o presente momento, a Teologia só tem atrapalhado este debate filosófico. Mais à frente encontra-se a seguinte afirmação: “(...) *O que mais se aproxima é o que a ciência nos informa, agora, através do*

²⁴ É fato que o determinismo do pensamento reformado é diferente da visão hiper-calvinista e da visão do filósofo Baruch Spinoza. Apesar disso, Albert Einstein entendia que o *determinismo* de Spinoza era muito mais consistente do que o ensino do livre-arbítrio na física quântica – *Deus não joga dados*, dizia Einstein!

²⁵ Cf. JAMMER, Max. *Einstein e a Religião*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 212-213.

²⁶ JAMMER, Max. op. cit., p. 173

²⁷ RIETDIJK, C. W. *A Rigorous Proof of Determinism Derived from the Special Theory of Relativity*. Philosophy of Science 33, 1966, pp. 341-344.

²⁸ O leitor pode recorrer às seguintes obras: (a) WEYL, H. *Philosophy of Mathematics and Natural Science*. Princeton: Princeton University Press, 1949, (b) CASIRER, E. *Zur Einsteinschen Relativitätstheorie*. Berlim: B. Cassirer, 1921, p. 119 e (c) JEANS, James. *Man and the Universe*. In: Scientific Progress. Londres: George Allen & Unwin, 1936, p. 11-38.

²⁹ “*Die Quantenmechanik ist sehr achtung-gebietend. Aber eine innere Stimme sagt mir, dass das doch nicht der wahre Jakob ist. Die Theorie liefert viel, aber dem Geheimnis des Alten bringt sie uns kaum näher. Jedenfalls bin ich überzeugt, dass der nicht würfelt*”. Carta de Einstein a Max Born, 4 de dezembro de 1926. EINSTEIN, A. *Albert Einstein: Hedwig und Max Born, Briefwechsel*. Munique: Nymphenburger Verlagshandlung, 1969.

desenvolvimento das implicações da Teoria da Relatividade” (p. 137). Então, paira uma dúvida no ar. O que significa a proposta do subtítulo deste livro: “a doutrina da predestinação e eleição à luz da Bíblia, da Teologia e da Cosmologia”? O autor acabou de sepultar peremptoriamente a revelação divina e a proposta da obra! Todavia, a física moderna está longe de querer provar a existência do livre arbítrio humano na concepção de Pelágio. De acordo com Ian Barbour:

O comportamento do elétron demonstra aleatoriedade, porém não liberdade. Por certo tanto a liberdade quanto o acaso resultam na imprevisibilidade, mas fora isso, têm muito pouco em comum. Não devemos atribuir liberdade a uma roleta pelo simples fato de ela parar num ponto que não é previsível³⁰.

Como é de praxe, Dusilek omite algumas definições a respeito da Teoria da Relatividade. O rigor da metodologia da pesquisa científica exigiria que Dusilek, como professor dessa disciplina, introduzisse a *idéia de simultaneidade*³¹ e a classificação das teorias de tempo existentes, que são importantíssimas para o debate filosófico sobre a realidade do tempo verbal e da transformação temporal.³² Todavia, o autor introduz o seu conceito de “*dimensão histórica*” e “*dimensão da eternidade*” (p. 136). Mas, para que o autor utiliza estes recursos? Infelizmente, o Prof. Dusilek utiliza o método *reader response* para elaborar uma leitura tendenciosa da física moderna, ajustando-a aos seus pressupostos, e depois interpretar alguns versículos bíblicos isolados conforme lhe apraz. Um exemplo disso aparece na citação: “*passado, presente e futuro constituem o eterno presente de Deus. Por isso, Apocalipse 13.8 pode falar ‘do cordeiro que foi morto desde a criação do mundo’*” (p. 136). O autor utiliza esta mesma *licença poética* com o versículo de Efésios 1.4 para afirmar a intenção de Paulo ao escrever para os cristãos de Éfeso. Mais adiante, encontra-se uma relação entre a velocidade da luz (aprox. 3×10^8 m/s) com o versículo de 1João 1.5 – “Deus é luz”. E o comentário do teólogo batista é: “*A única constante no nosso universo é a velocidade da luz (...) e na Bíblia encontramos que luz é uma das definições apresentadas para falar do Ser de Deus (1João 1.5)*”. E continua o seu comentário alhures:

O passado, presente e o futuro tinham-se misturado num Agora eterno, sempre presente e interminável. Isso ocorre porque a luz está fora do tempo, e esse é um fato da natureza provado em milhares de experiências em centenas de universidades. E o que não podemos dizer a respeito do próprio Deus que é o Criador da luz? O texto de João citado acima fala que: ‘Deus é luz; nele não há treva alguma’ (1João 1.5). Não quer isso dizer que luz faz parte da própria essência do Criador? Certamente ele está fora do tempo como a luz que criou. Por essa mesma razão faz sentido falarmos que ‘Deus é o Senhor do tempo’ (p. 141).

Este comentário de Dusilek apresenta alguns problemas. Como alguém que transita pelo campo da metodologia da pesquisa científica, o autor poderia: (1) meditar

³⁰ BARBOUR, Ian G. *Issues in Science and Religion*. In: PEARCEY, Nancy R., THAXTON, Charles B. *A Alma da Ciência: fé cristã e filosofia natural*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 255.

³¹ A definição de simultaneidade é mostrada na obra de WHITROW, G. J. *O Tempo na História: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, pp. 192-193.

³² A filosofia do tempo é mencionada na obra de MORELAND, J. P., CRAIG, W. L. *Filosofia e Cosmovisão*. São Paulo: Vida Nova, 2005, pp. 453-478.

se é possível realmente propor uma teologia concisa apoiando-se na mutabilidade da ciência. Como exemplo desta mutabilidade pode-se citar que a velocidade da luz é constante na Teoria da Relatividade de Einstein, mas o que dizer dos *táquions*³³ (i.e. partícula hipotética que viaja a uma velocidade superior à da luz)? É correta a afirmação panteísta de que “Deus é táquion”, como uma nova proposta de revisão da teologia bíblica?, (2) mencionar uma das milhares de experiências que comprovam o caso hipotético da luz ser atemporal (se possível, em meios dielétricos!), (3) citar uma das centenas de universidades que mensuraram a luz fora do tempo, (4) reavaliar se o apóstolo João realmente quer dizer que, como a luz é atemporal, Deus é também atemporal e (5) rever o silogismo panteísta (i) premissa 1 - luz é atemporal, (ii) premissa 2 - Deus é luz (será que Deus é onda-partícula? Esta premissa está distante da investigação científica!), (iii) conclusão, Deus é atemporal. A proposta “científica” de Dusilek precisa de uma elaboração mais fundamentada para ser considerada, primeiramente, como ciência. A proposta de Dusilek de “*revisão de posições e conceitos já assumidos a fim de privilegiar o testemunho das Escrituras*” (p. 23) não é pertinente.

De acordo com o prefácio, o livro é muito profundo, muito didático, coerente, claro e conciso (p. 16). Mas, de tudo que foi mostrado, o autor incide em simplificações, não consegue êxito em harmonizar adequadamente as idéias, omite informações relevantes, introduz conceitos científicos sem defini-los, induz o leitor aos seus pressupostos extra-escriturísticos e incorre em diversas contradições. Além dos problemas levantados no campo teológico, a obra está longe de comunicar à comunidade científica informações relevantes para o progresso da ciência. Deve-se questionar se esta seria uma obra recomendada para os pastores, seminaristas e estudantes de teologia comprometidos com a verdade bíblica. Afinal, não é *a Bíblia a nossa única regra de fé e prática?*

SENHOR, não retire de nós a Sua Palavra!

³³ O doutor em física Mario Novello afirma: “*Depois de ter pretendido conduzir o leitor a aceitar as idéias que os físicos desenvolveram no século XX, vou agora procurar levá-lo a repensar comigo esta convicção que os físicos possuem, mas que, por várias razões, está sendo posta em dúvida. Isto é, pensaremos o caso em que aquela limitação pode não ser verdadeira*” e Novello continua na nota 5 da sua obra “*muitos autores têm examinado, ao longo do século XX, as propriedades de corpos materiais que se movimentariam com velocidades maiores que a da luz: os chamados tachions [ou táquions]*”. cf. NOVELLO, Mario. *A máquina do tempo: um olhar científico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 71. A obra de Mário Novello também é recomendada pelo pastor Darci Dusilek (cf. p. 147 e as notas 49 e 57 nas pp. 154-155 respectivamente na obra de Dusilek)!